

Verso da capa

COMO ESCREVER
ARGUMENTOS PARA CINEMA

Heitor Herculano Dias

©Heitor Herculano Dias

Direitos exclusivos

2017

Introdução

Muito se tem escrito em torno de roteiros para cinema. No *You Tube* pululam tutoriais de como criar e formatar um roteiro. Em termos de bibliografia pontificam para os orientadores os trabalhos de Syd Field (Manual do Roteiro, Os fundamentos do texto cinematográfico, Editora Objetiva, 1970, tradução de Álvaro Ramos) e Doc Comparato (Da Criação ao Roteiro, 1992, Editora Rocco Ltda) . O primeiro destes trabalhos talvez possa ser considerado como a “Bíblia” dos roteiristas, tratando exclusivamente de roteiro para cinema. Doc Comparato se atém mais ao roteiro para televisão, como autor consagrado de telenovelas.

Desde que me interessei por roteiro de cinema e passei às primeiras experiências de como pôr no papel os diálogos de histórias que literalmente

assombravam minhas noites de sono, tenho observado, mormente nas aulas cibernéticas, a ênfase na formatação do roteiro em detrimento da feitura do argumento. São raras as oportunidades em que a necessidade de um argumento bem escrito fica enfatizada. Muitos roteiristas iniciantes, por isso, não se conscientizaram que é o argumento que faz com que produtores ou diretores se interessem em ler o roteiro.

Publicam-se dezenas de roteiros em sites literários ou especializados no assunto, mas, por economia de espaço dos editores ou omissão dos roteiristas, os respectivos argumentos deixam de ser ofertados ao leitor e àqueles que eventualmente poderão transformar o roteiro em filme.

De quase nada adianta o aspirante a roteirista decorar, por exemplo, como dividir o roteiro em três atos, ou seja, Ato I, Ato II, e Ato III (resolução da história que ele pretende contar), nem

tampouco saber distinguir V.O (*Voice Over*) de O.S (*Off Screen*) ou quando usar *Close Shot* e *Close Up* se o argumento pecar grosseiramente, digamos assim, contra o vernáculo ou as boas normas da redação e lhe faltar o mínimo exigido a quem se intitula escritor. Nem por isso, é bom deixar claro, exige-se que o argumento por si só se constitua numa obra de valor literário de primeira grandeza que dispense complementos. Não é bem isso. Quem necessita de um complemento é na verdade o roteiro, e é por isso que o argumento cumpre essa função; devendo assim ser utilizado como um vestíbulo literariamente bem feito da história que será contada por diálogos e imagens.

Faz-se um verdadeiro cavalo de batalha com essas recomendações sobre formatação, indicações de sites e *softs* que beneficiariam ao roteirista, quando tais detalhes, apesar de imprescindíveis porque já se solidificou essa exigência

de escrever em Courier New tamanho 12, mesclando termos técnicos ingleses e portugueses, a ponto de ficar relegado a um segundo plano a verdade de que acima de tudo a vocação literária e a disciplina gramatical merecem vir em primeiro lugar.

O argumento pode nascer na imaginação do autor a partir de um fato, uma sequência de acontecimentos por ele observados ou mesmo vividos, de peculiaridades regionais, religiosas, entre outras, ou de sua adaptação de um romance, um conto, ou uma crônica. Mas os exemplos de como pode ser gerado um argumento não se esgotam aqui contudo; mas mesmo na hipótese do aproveitamento de uma obra literária o argumento não poderá, em poucas páginas, passar para o leitor o que o seu autor teve em mente fazer com o romance ou o conto se ele não estiver munido de objetividade, coerência com

à obra adaptada e uma boa dose de talento literário.

Um exercício para desenvolver ou aprimorar a técnica de redação do argumento é tomar o caminho inverso da criação do roteiro, isto é, lê-lo primeiramente, ou assistir ao filme, e daí construir o argumento. Seu escritor, então, age como se estivesse na mente do autor do roteiro escolhido e procura escrever como pensa que o roteirista sintetizaria seu trabalho. Filmes de ficção científica, históricos, de grandes catástrofes, de guerras, ou que exigiram efeitos especiais devem ser evitados, considerando que estamos falando de roteiros estranhos ao poderio técnico e financeiro de Hollywood. Por sinal os roteiros de filmes norte-americano ou europeus são publicados na versão final dada pelo diretor, o chamado roteiro técnico, com instruções de câmera, som e aspectos de filmagem que podem

dificultar a plena observação do roteiro sob o ponto de vista literário.

Outra estratégia é assistir a um filme repetidamente, seja pela internet ou em DVD, interrompendo-o todas as vezes quantas necessárias para melhor memorização do argumentista. Filmes com narrativa linear e sem excessos de *flash back* devem ser os preferidos.

Argumento e Resenha

Argumento é o resumo do que vai ser contado no roteiro.. Resenha é a narrativa do que foi contado no filme.

O argumento deve ser precedido da *story line*, que é o resumo da ideia inicial do argumentista. Ele é a base do trabalho do roteirista e indispensável para apresentação aos produtores. Eis a *story line* correspondente ao argumento de Casa de Repouso, de minha autoria.

“Felisberto, internado em um asilo, ganha um prêmio milionário e

passa a ser alvo de pessoas ambiciosas. Desgostoso com muitas mentiras, ele trama desmoralizar a todos que tentam iludi-lo e, numa crise nervosa, tenta incendiar o asilo causando a própria morte”.

Em seis linhas está delineada a trama que será narrada no argumento que precederá o roteiro.

Caracterização das personagens

No argumento as principais personagens ficarão delineadas quanto às respectivas faixas etárias, tipos físicos e condições sociais, independente de outras características peculiares ao tema tratado. Contudo, em algumas histórias existirá um rótulo marcante sobre uma ou mais personagens. Se a trama da história tiver, por exemplo, como linha mestra fatos ocorridos entre doentes mentais, não há por isso como invocar determinadas preferências peculiares ao mundo dos chamados sãos.

Conforme diz a *story line* acima, Felisberto é a personagem principal do argumento Casa de Repouso. Por isso logo em suas primeiras linhas estão os seus traços marcantes. Não é o roteiro que previamente dirá que determinada personagem masculina é um serial killer, ou uma personagem feminina é lésbica, num exemplo a grosso modo. Verdade que em alguns casos a personalidade de uma ou outra personagem fica revelada logo nas sequências iniciais, mas não é a regra.

Vejamos então como os traços marcantes da personagem Felisberto foram indicados no argumento. Para isso reproduzo parte do que no roteiro é chamada Apresentação ou Ato I.

“Toda a ação transcorre em um abrigo para idosos denominado Casa de Repouso Eterna Juventude situado presumivelmente no Rio de Janeiro.

A história gira em torno do interno Felisberto de Alcântara, um septuagenário que ganha no bingo um envelope fechado com volantes do jogo da Mega Sena. Felisberto é sorteado ganhando trinta milhões de reais.

A partir de uma entrevista à televisão, Felisberto deixa transparecer sua vontade de usar inicialmente o dinheiro com uma viagem de volta ao mundo acompanhado de uma esposa, sendo ele viúvo. Chovem cartas de mulheres de todas as idades interessadas em se casar com ele. Mas Felisberto, apesar da idade, é um homem ainda possuidor da perspicácia necessária para vislumbrar o verdadeiro intento dessas candidatas, que outro não é senão locupletarem-se com a fortuna de um esposo com poucos anos de vida pela frente.

Felisberto divide essa certeza em confidências com o interno Zoroastro, seu melhor amigo na casa de repouso, que tem por Felisberto uma fidelidade canina, apesar de ser frequentemente espeçinhado por este por conta de seu passado humilde como motorneiro de bondes”

Ficaram claras as principais características de Felisberto, a saber:

Idoso internado em uma casa de repouso, bastante perspicaz e indelicado para com seu melhor amigo.

Apresentada pois a personagem principal da história, o argumentista deve escrever o que ela pretende fazer ou conseguir, e os obstáculos (sejam eles pessoas ou fatos) que enfrenta para alcançar sua meta. Chama-se a esta etapa da história de Ato II ou Confrontação. Ficou evidenciado na Apresentação que Felisberto viu-se objeto do interesse material por parte de mulheres que viam nele a promessa de um marido velho e rico. Vejamos o que ele enfrenta nessa situação e o que objetivou fazer.

Vamos pinçar do argumento escolhido um trecho que possa tipificar a confrontação e o objetivo perseguido por Felisberto.

“Dentro do próprio asilo tem gente de olho na fortuna de Felisberto, sendo Engrácia, mulher madura e funcionária da secretaria, quem inopinadamente vai direto à fonte. Em vez de se anunciar como mais uma das pretendentes ao título de esposa do rico Felisberto, Engrácia parte para o ataque físico direto logrando fazer com que Felisberto transe com ela para, deste modo, mantê-lo dali para a frente embevecido pela ardorosa matrona (...) O diretor da casa de repouso, Doutor Venesiano, também arma um bote para cima do dinheiro de Felisberto convidando-o a se associar a ele num plano de expansão de casas de repouso em diversas cidades brasileiras. Felisberto aceita tornar-se sócio no empreendimento, mas intimamente esse fato serve para acender mais em sua mente a revolta contra os gananciosos que querem se apropriar de sua fortuna. Como condição para comprometer seu dinheiro com os anunciados planos empresariais do diretor do asilo, ele o convence a liberar o jardim do asilo para a realização de um show com banda de música, guirlandas e balões quando seria anunciado o

nome da candidata escolhida para ser sua futura esposa. Felisberto, porém, trama intimamente o que ele denomina de uma vingança a ser cometida durante o planejado espetáculo”

Se Felisberto conseguiu ou não praticar sua planejada vingança, o Ato III ou Resolução dirá, e este pode ser localizado no trecho abaixo.

“Mal Zulmira termina a leitura do bilhete surgem sinais de incêndio na cozinha e ninguém tem dúvidas de que Felisberto é o seu causador. Neste ponto o enredo dá um salto até o instante em que um repórter de TV está diante da fachada chamuscada do asilo relatando as consequências do incêndio em que morreu seu suposto causador, o interno Felisberto de Alcântara”

Desdobramento no roteiro

Vejamos agora como as partes acima transcritas do argumento de Casa

de repouso foram transplantadas para o roteiro, dispensada aqui a formatação.

Ato I ou Apresentação.

‘EXT / DIA / CASA DE REPOUSO ETERNA JUVENTUDE. Long Shot. Construção ampla em dois andares, caiada em branco, com janelas de persianas pintadas em azul. Em letras graúdas e desenhadas em azul sobre fundo de azulejos amarelos lê-se Casa de Repouso em destaque acima do arco que conduz à entrada principal. No largo espaço compreendido entre o muro gradeado e a fachada está um aprazível jardim chafariz, diversos bancos de granito, esguias palmeiras e canteiros floridos Apenas pessoas idosas ocupam os bancos, em alguns dividindo espaço com enfermeiros e enfermeiras uniformizados de branco. Travelling:

Dois idosos, FELISBERTO e ZOROASTRO, caminham pelo jardim.

Ambos trajam roupas simples e aparentam idade próxima aos 80 anos.

ZOROASTRO *Quase três horas, não?*
FELISBERTO *Sei lá. Se não são, falta pouco.* ZOROASTRO *É, pode ser.*

FELISBERTO *Algum remédio agora?*
ZOROASTRO *A Patrícia ficou de me ligar hoje de tarde.* FELISBERTO *Ela está na América, não é isso?*

ZOROASTRO *Humm ... humm.*

FELISBERTO *Em que lugar?*

ZOROASTRO *E eu sei lá, homem. Mania essa sua de ser tão... tão... Zoroastro se engasga com um acesso de tosse.*

ZOROASTRO *Argh... essa sua coisa de velho, de ser tão detalhista!*

FELISBERTO *Ah, é? Mas nos meus tempos de escola eu não ia lá só pra comer merenda, não. A gente estudava, tempo duro aquele do Getúlio, mas a gente aprendia.*

ZOROASTRO Salta pra lá. Eu nunca quis saber desse negócio de enfiar na cachola um mundão de nome de cidade, rios daqui e dali, capitais...

FELISBERTO Por isso que nunca passou de motorneiro de bonde, oh velho preguiçoso”

O Ato II ou Confrontação, por se constituir na espinha dorsal de qualquer roteiro, posto que nele a trama vai se desenrolando tal qual um novelo até que a linha estanque no Ato III ou Resolução, comprometeria o objetivo deste manual se aqui fosse transcrito, dada a sua extensão.

Quanto ao Ato III ou Resolução, os períodos adiante transcritos podem resumir como ficaram resolvidas a confrontação de Felisberto com aquela realidade que tanto o desgostava e sua planejada vingança.

CORREDOR DOS QUARTOS
Lucas e Zulmira BATEM à porta de um
quarto.

ZULMIRA *Senhor Felisberto. Senhor*
Felisberto. Voltam a bater com mais
insistência

LUCAS *Oh Seu Felisberto.*

ZULMIRA *Seu Felisberto, o senhor*
está bem? LUCAS *Vê se está trancada.*

(O.S) ZOROASTRO *Por favor, já é*
hora de silêncio. Zoroastro

CHEGA. ZULMIRA *Desculpe,*
Seu Zoroastro, é que o Senhor Felisberto...

RUÍDO *de portas se abrindo e vozes*
em advertência. Zoroastro se aproxima de
Lucas e Zulmira.

ZOROASTRO *O que foi, Dona*
Zulmira? LUCAS *Seu Felisberto não está*
bem, Seu Zoroastro

ZULMIRA *A porta está destrancada. A porta do quarto de Felisberto é ABERTA.*

Os três OLHAM PARA O INTERIOR.

ZULMIRA *Não está aqui. (...)*

ZOROASTRO *O Felisberto é meu melhor amigo aqui no asilo. Ele deve estar sofrendo muito porque estragaram o concurso dele (...)*

LUCAS *Ih! Olha aí. Um papel debaixo da porta. Zulmira recolhe um PAPEL passado por debaixo da porta (...) Zulmira lendo para todos.*

ZULMIRA *“Todos me traíram. As meretrizes desta casa, o Doutor Venesiano, todos. Me tiraram a oportunidade de mostrar a Marli como minha noiva escolhida, mas de mentira, só para humilhar aquelas meretrizes que vieram de fora pra elas verem que uma crioulinha desdentada vale mais que qualquer uma delas. Dona Marli seria minha vingança,*

*mas agora tudo vai arder como só o inferno”
(...)*

ZULMIRA Credo. A porta está quente. Lucas, corre e chama os bombeiros. Rápido! (...)

REPÓRTER entrevistando Doutor Venesiano diante da câmera.

REPÓRTER Doutor Venesiano, o que acha o senhor motivou esse ato desesperado do interno Felisberto de Alcântara?

DOUTOR VENESIANO Até agora ninguém aqui da casa tem qualquer ideia do que motivou o pobre ancião a pôr fogo no asilo, uma casa de onde ele foi hóspede por quase dez anos sem jamais ter feito qualquer reclamação.

REPÓRTER Sabemos que o Senhor Feliciano de Alcântara, apesar de residir nesta casa de repouso, era um homem rico por conta de um ganho recente no jogo da Mega Sena.

DOUTOR VENESLANO

Verdade, e adianto que é muito provável que o pobre homem tenha sofrido um processo acelerado de demência por conta desse formidável aumento brusco em suas condições financeiras”

Exercícios

1. Passemos agora a praticar a feitura de um argumento partindo de texto literário, primeiramente, para depois então aplicarmos a técnica do caminho inverso, partindo de um roteiro para atingir o argumento.

Escolhi um conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio* (Editora Ática S.A - Volume Contos, 1993)

Ei-lo na íntegra.

“Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do

que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso; do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez

alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?, Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. INosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhácidos nossos, se reuniram,

tornaram juntamente conselho. Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa. No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso

experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, deposei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrendo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava. Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada.

Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não fez muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão daquele. A gente teve de se acostumar com aquilo. As penas, êlue, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que,

para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como,

no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim. . ."; que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi-num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que

tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados. Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam,

todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice— esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia. Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se

falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... agora, o senhor vem, não carece mais. .O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu' lugar, do senhor, na canoal. ." E, assim dizendo, meu corãOo bateu no compasso do mais certo. Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o baço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia. . . Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. Sofri o

grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Lido o conto, passemos à elaboração do argumento. É importante frisar que em se tratando de adaptação de obra escrita a story line torna-se a princípio desnecessária.

Personagens.

Guimarães Rosa não deu nome às personagens. Conta que um homem idoso, vivente dos sertões de Minas Gerais, narra como seu pai em dado instante da adolescência do narrador entrou no rio um certo dia, em uma canoa feita por ele, abandonando para

sempre a família. Além do narrador e seu pai, temos como personagens sua mãe, um irmão e uma irmã que vem a se casar. Batizemos assim essas pessoas: JESUS, o narrador, SEU JOSÉ, o pai, MARIA, a mãe, TIAGO, o irmão, SARA, a irmã, e JUVENTINO, o cunhado.

Argumento

Jesus, um homem já maduro, nascido e criado nos sertões de Minas Gerais, passa horas a fio a esquadrinhar as margens de um grande rio. Diariamente ele deposita pequenos farnéis em forma de amarrados sobre rochas, monturos de barro, ou capinzais em pontos sempre variados às margens do rio. No rosto de Jesus pairam a tristeza e a expectativa, ficando evidente que ele aguarda ansiosamente que alguma coisa no rio aconteça. Sara, sua irmã, mais nova do que ele, casada com Juventino, pequeno comerciante, grávida do primeiro filho, vive a discutir com o marido acerca do que ela denomina de “caduquices” de um velho. Esse velho é Seu José, pai dela ,

assim como de Jesus e de Tiago, o mais moço dos três irmãos. Maria, a mãe, calada e reservada, vê-se cercada em meio às exasperações de Sara e os constantes comentários de parentes e conhecidos, que também têm como tema o procedimento de Seu José, por Sara chamado de caduquice. Maria invariavelmente passa as primeiras horas do anoitecer em novenas e puxando terços com visitantes e a parentela, sempre a invocar preces para que Deus tenha piedade de Seu José. Tiago, autista, vive praticamente apenas para cuidar de seus passarinhos, mas sem que Jesus perceba ele o segue à distância na curiosidade de saber o que este irmão tanto busca nas margens do rio. O tempo vai escorrendo, todos envelhecendo, e com a ausência inexplicável de Seu José, que sempre comandou com muita sabedoria e obstinação a produção pecuária, base de sustento da família, todos na casa vão se transformando em seu proceder. Maria passa do catolicismo para um misticismo exacerbado, caindo nas mãos de falsos profetas. Jesus, bastante doente, desanimado, em uma de suas constantes idas ao rio é picado por cobra e

em delírio acredita haver recebido mensagem de Seu José em que o pai dita-lhe suas condições para retornar ao lar. Jesus diz a Sara que o pai exige que ela se separe de Juventino porque seu cunhado estaria dilapidando o restante das economias da família em proveito próprio. Sabedor disso, Juventino se enche de ódio por Jesus, chamando-o de mais caduco do que o pai, ao que Jesus revida lançando-lhe um bule de café quente. Maria e Sara intervêm para que ambos não cheguem às vias de fato, mas Juventino aguarda uma das visitas de Jesus ao rio para se desforrar dele sem a presença de testemunhas. Ocorre que no momento em que Juventino se prepara para desferir uma paulada nas costas de Jesus, ouvem-se os gritos de Sara em aviso de parto. Ao levar Sara para o único hospital da região, distante da fazenda, Juventino tem o dissabor de ver sua caminhoneta parar na estrada por defeito mecânico. Por coincidência surge no caminho um grupo de festeiros da tradição mineira dos Santos Reis a caminho da residência de Seu José, como manda a tradição. Desse encontro acontecem vários incidentes em razão do

nervosismo de Juventino com o aumento das fortes dores de Sara contraposto a opiniões de integrantes da caravana, alguns refêns de um misticismo conturbado. De repente cai enorme temporal, quando Sara acaba dando à luz um menino. Todos se encaminham para a fazenda conduzindo o bebê. Tiago os aguarda com seus passarinhos, e Jesus parte mais uma vez rumo às margens do rio, desta vez acompanhado por Tiago, que liberta seus passarinhos enquanto Jesus divisa Seu José vindo ao seu encontro, remando devagar. Mais atrás está Maria, ajoelhada, ao lado de Juventino e Sara, que tem o bebê ao colo bem protegido contra o tempo ruim. Todos juntos entoam aleluias enquanto Seu José se prosta na margem do rio, abatido e a um passo da morte. Jesus embarca na canoa do pai e começa a remar se afastando lentamente da margem. Quando um novo dia nasce, sem chuva, Tomás se encaminha até o rio e liberta seus passarinhos, que saem sobrevoando as águas como se buscassem aquele vulto distante e um tanto difuso sobre uma canoa. O pensamento de Jesus é repetido com as palavras usadas por Guimarães Rosa

no conto: Mas, então, ao menos que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Eis aqui, pois, um argumento que poderia ser feito utilizando-se a espinha dorsal do conto transcrito. É verdade que Guimarães Rosa não escreveu nada sobre a animosidade entre Juventino e Jesus, e muito menos atos ilícitos da parte do primeiro; entretanto, em se tratando de um conto, a imaginação do autor do argumento necessita dar asas à colocação de alguns fatos e detalhes que possibilitem assim o desenrolar do roteiro, que normalmente alcança entre cem e cento e vinte páginas para filmes que durarão em média uma hora e vinte minutos. O argumentista, ao adaptar um conto, precisa principalmente de imaginação criativa, o bastante para obedecer, digo assim, a trama dramática construída pelo contista, mas ousada

para ir mais adiante e robustecer a história para que ela alcance a duração média de um filme, ainda que de curta metragem.

Sugiro ao leitor fazer seu próprio argumento deste mesmo conto, de três a quatro páginas, que foi o espaço por mim utilizado.

2. Passo agora para outro exercício, desta vez com um conto de minha autoria, O próximo, integrante do livro intitulado Vozes do Rio.

Para este exercício apresento um desafio diferente.

Eis o conto na íntegra:

“O próximo

Ponte negra, viaduto fedorento, catinga de mijo só, há quanto tempo vivo aqui? Não dá mais pra contar direito, no mínimo uns seis, sete meses. Só lembro que tive aquele negócio aqui na perna, caí na calçada e me levaram prum hospital que nem sei mais onde fica. Foi logo

depois daquela desgraceira toda. Pra que você quer meus documentos, seu miserável, você é que merecia morrer! Desespero tremendo o meu, destratando aquele atendente do pronto socorro. Ele até que foi legal, podia, se quisesse, me deixar mofando lá naquele corredor com a minha perna doendo pra cacete. Por pouco não me tocaram de lá do pronto socorro que nem cachorro. Não tem documento e ainda vem se fazer de malcriado! Meus papéis todos com a Nelminha, podia fazer nada. Só sei que aqui é Bonsucesso, ali adiante a Nova Holanda, favela braba, lugar onde vi meu amor pela primeira vez. Quantos anos a gente ficou junto? Sei lá, a cabeça vai ficando assim meio que embolada, a gente acaba não se lembrando de nada direito mesmo! Pelé, ô Pelé, fica aí na tua que vou tirar o atraso! É o Caxinguelê, cara mais do arriscado, não quer o crioulinho perto dele, vai se virar atrás daqueles papelões, está nem aí se a gente vê. E se passam os ômi? Uma vez veio um pessoal da Fundação, de tardinha, as mulheres todas de luvas, narizinho pra cima, prendendo a respiração por causa da catanga,

mais uns três crioulos e dois PMs, que era pra recolher a gente pro albergue. Fui, mas me mandei assim que deu jeito, e não é que bem mal voltei e lá estava Caxinguelê se limpando! Tinha acabado de dar uma numa velha que podia ser avó dele! Mas fazer o quê? Se a sem-vergonha deixou..., ele está certo, enquanto tem a gente tem saúde e a cocoeirinha, tem mesmo é que aproveitar, eu, por mim, acho que não dou mais no couro mesmo. Mas deixa pra lá, ponte negra, viaduto fedorento, quantas pessoas eu já vi morando aqui? Perdi a conta, vagabundo bêbado, mulher de barriga parindo num cantinho ali mesmo, papelão fazendo paredinha, e muito ladrão, rapaz, sujeitos sem-vergonhas, metendo a mão nas trouxinhas, lugar do pessoal guardar seus trocados. Mendigar mesmo, sinceridade! Nunca mendiguei, nem mesmo nos primeiros dias, quando a Nelminha ameaçou parar de trazer comida pra mim. Você não merece, não, mas aqui tem um pouquinho de feijão com angu. Ainda está quente, come antes que esfrie! E eu de cabeça baixa, mais humilhado que sei lá o quê. Obrigado, Nelma, fico até sem jeito, você

se preocupando comigo. Precisava, não! Em volta, aquela gozação: Tá se dando bem, hein, velho! Comidinha de casa na boquinha! Rá-rá-rá! O Zé Cotoco encostado lá adiante, na pilastra suja, preta e mijada do viaduto, olhando pra mim com aqueles olhos de diabo só, que sujeito com jeito de encapetado, aqui neste sanduíche de concreto de uma largueza de abrigar mais de cem, eu ainda não vi igual a ele, não. Deus me perdôe, mas quando o trem, dizem que foi um trem cargueiro, eu não vi, nem sonhava parar aqui, passou por cima da perna dele, foi a justiça divina que mandou. É, Zé! O negócio tá difícil, tenho que aceitar, né? Resposta que eu vomito só pra ele não ficar imaginando coisas, pegar na imaginação de que eu não ligo pra ele... É sua patroa, ela? Sempre perguntando, aquela boca desdentada de sorriso de cova negra. E olha que ela ainda dá um caldo, meu camarada, sabia? Vontade de partir pra cima do encapetado, arrebentar a cabeça dele, porque pra isso não falta pedregulho aqui. Prefiro ficar calado quando ele puxa o assunto pra esses lados. Interessa a ele se a Nelminha é ou não minha mulher?

Olha lá eles passando, rondando assim no macio, parece mais cobra amassando o capinzal bem de levezinho, aquele ali, no banco de trás, mulato do olho amarelo, está sempre com eles. Tem um, que uma vez eu vi saltar só pra dar uma mijada num cantinho, com cara de paraíba, que tem um encapetamento nos olhos que só vendo. Mas o tal do olho amarelo, cruz credo! Cristo, não deve ser bom nem da gente falar bom-dia seu guarda pra ele! Bom, deram marcha-a-ré, vão voltar, na certa pro bar do Seu Trancoso, tem lá dois escrevedores do bicho, hora daqueles bicheiros chegarem, assim como quem não quer nada. As mãos suadas e sujas num aperto de tudo bem seu guarda, a bolada do banqueiro pro pessoal da viatura. Minha velha, me lembro como se fosse hoje, já falava. Meu filho, só duas coisas eu peço a Deus pra você não ser: ladrão e polícia! Pode até ser lixeiro, limpador de privada..., na época eu achava até engraçado. Polícia não é o mocinho, e ladrão não é o bandido, mãe? Então...?! Que descanse em paz, naquele meu tempo de menino as coisas não eram como hoje. Lembro

direitinho, a gente chamava polícia de meganha, mas sem bronca nenhuma. Era isso mesmo: meganha. Hoje, tá no que se vê, só dá crioulo com cara de quem quer matar qualquer um, levando grana da bicheirada. E lá no centro da cidade, então? Já vi os sem-vergonhas rondando no bem do devagarinho, parando nas esquinas das mulheres da vida e dos maricas pra pegar um troco. A Nelminha também fala isso, pobre Nelminha, devia me odiar até as profundas do inferno, mas ainda traz comida pra mim. Sempre que ela vem, a malandragem fica só de butuca, zarolho na bunda dela. Pior é que não posso falar nada, dar uma de machão pra esses vagabundos. Tenho moral pra isso não, acho que nem força mesmo. Nos olhos da minha Nelminha as lágrimas nunca vão de secar, isso eu sei. Homem pra aquela hora do vamos ver, sei não, acho que não vou querer mais não, disse ela uma vez, logo depois da minha burrada, que nunca mais ia querer saber de homem pra dormir junto: nem de macho, nem muito menos de bebida. Beber, ela não bebia mais que uns dois copos de cerveja, assim só pra fazer companhia, jogar conversa

fora. O babaca aqui, pensando que tava abafando, pegando de tudo: cachaça, rabo de galo, conhaque, fogo paulista, os cambau. Assim, ó: virando sem parar, voltando bebum pra casa, ela com a barriga já bem da empinada. A gente botava aqueles discos na vitrola e ficava dançando, dançando, a vizinhança sabendo e falando que a gente era um casal que deu certo. Mesmo com a minha bebida, todo mundo acreditava! Até o Seu Carlinhos, quando aparecia lá em casa pra receber o aluguel, uma vez comentou: queria que minha filha tivesse feito um casamento igual ao de vocês! Juraciara, lembro que ele falou que esse era o nome da menina, com quinze anos fugiu com um caminhoneiro e nunca mais apareceu. Que nada, Seu Carlinhos, bondade sua, a gente só vai é levando a vida, né, amor? Nelminha só fazia sorrir, eu dando uns beijinhos meio do sem jeito na frente da visita, pescoço sempre cheirando a sabonete. Hoje, pego meu prato de comida das mãos dela, assim como esmola, de cabeça baixa, não vejo mais os olhos dela, ela não deixa, mas sinto aqui dentro de mim que

ela só faz é chorar e mais nada. Aqueles olhos pretos morreram afogados numa poça de lágrimas e sangue, sangue do nosso neném. Sempre que vem, vira a cara pro lado, mas aqui dentro de mim eu sinto que os olhos dela nunca mais vão secar. Paga um rabo de galo, cumpádi? Naquele tempo dava pra fazer desse bonito: Ó, Pernambuco, vê aí dois no capricho! E o paraíba de sorriso sempre aberto, virando a pinga do gargalo lá do alto, ela descendo fina, brilhando que nem prata, sem derramar uma gota fora do copo. Parecia um filete de sei lá o quê, um craque nisso o Pernambuco. Fiado só amanhã, parece que estou vendo aquele cartaz do lado da figura de Nossa Senhora e um retrato velho do time do Santa Cruz, campeão de mil, novecentos e sei lá quando. Voltava pra casa leve, imaginando mil coisas. Amanhã, prometo, Nelminha, levo os documentos lá na Caixa, a gente tem que parar com essa de aluguel. Ela me incentivando, coitada: Dá certo sim, meu bem, a gente se aperta um pouco: tua aposentadoria é uma mixaria, sei disso, mas com jeitinho a gente fica pagando o que é nosso. Nada contra

o Seu Carlinhos, um homem até do correto, crente, ele e toda a família, mas aluguel é sempre aluguel! E eu, trocando as pernas com a cachaça, mas vendo tudo côr de rosa na vida, concordando com ela e sonhando com nosso filho a caminho. Quando o bebê chegar, a gente pode até deixar um quarto só pro menino, né? A carinha dela meio de marota, já sabendo o que vinha daquele barrigão. Menino, é? Quem foi que te disse? Quantas bobagens e beijinhos e amores e promessas e faz lá um café sem açúcar que hoje eu abusei um pouco, meu amor. Ponte preta, viaduto da desgraça, quanto tempo faz? Sei lá! Pô, meu camarada, a coisa tá feia! Lá vem o Zé Cotoco procurando papo, querendo lá sei eu o quê. Daqui a pouco Nelminha está chegando por aí, não quero que me veja com ele. Sujeito mais do sacana, perigoso, sujo mesmo, já vi ele cagar e levantar a bermuda sem limpar nem nada, está nem aí o desgraçado. Fede que nem o capeta. Demora muito, vai embora, ou bate as botas que nem aquele mineiro que veio pro viaduto mais a mulher e três meninos. Disse que veio de Lavras e que não pegou emprego

nenhum aqui. Quando a mulher começou a berrar de manhã cedinho foi aquele corre-corre, acode pelo amor de Deus! O coitado tinha era já morrido, acho que tuberculoso. Ficou quase um dia inteiro o defunto, ali atrás daquela outra pilastra, coberto de jornal, custou pra aparecer gente pra levar ele, durinho e amarelo que era de espantar, e já começando a feder. Mas não foi que naquela noite mesmo vieram uns neguinbos, acho que da Nova Holanda mesmo, e pegaram a viúva do coitado à força! Todo muito viu, ninguém fez nada, as crianças chorando e cada um dos desgraçados se satisfazendo em cima da viuvinha, os outros xingando e mandando ela calar a boca, batendo até palmas pro que estava em cima, tudo maconhado. Chegaram até a dar umas porradas nos meninos, e depois saíram correndo, tudo rindo e xingando a coitada e os filhos dela de tudo o que foi nome. Caxinguelê falou que logo uma semana depois a polícia matou um, sei com certeza não, parece que estavam assaltando um ônibus em Bonsucesso. Ponte preta, mundo escuro, cheiro de mijo, gente tossindo, e não é que lá vem a minha

Nelminha com a bóia! Mas o que a dona Guiomar vem fazer aqui? Não é a dona Guiomar mesmo, aquela vizinha do bloco quatro? Vergonha nenhuma, todo o conjunto sabe de tudo, estou aqui não é de hoje, me esconder é que não vou. Anda logo, minha Nelminha, aperta o passo e deixa essa mulher pra trás. Só não estou vendo a marmita! Olá! Esta é a Guiomar, você se lembra dela, não? Meus olhos baixos pro chão imundo, olhando meu unhão do pé esquerdo todo escalavrado, tudo uma sujeira só, que vergonha, meu Deus. Onde estão os olhos da Nelminha? Precisava trazer a vizinha junto com ela dessa vez? Nunca fez isso, e agora são quatro olhos em cima de mim, e não posso olhar pra cima, cadê coragem? Bom que essa tal de dona Guiomar fosse logo embora, vontade doida de olhar o olhar da Nelminha. Pega suas coisas, ainda tenho que passar na feira! O que deu nela hoje: pegar minhas coisas? Que coisas? Dá pra ver que aquelas mãos continuam bem tratadas, unhas feitas, sem luxo, é verdade. Mas acima daquelas mãos me falta coragem pra olhar. Anda, homem, acabou o castigo, vamos pra

casa logo antes que eu desista e deixe você apodrecer aqui! Levanta daí! Vergonha e espanto ao mesmo tempo, se é que estou ouvindo bem o que a Nelminha está falando. As mãos dela vindo em minha direção, pele na pele, palma da mão na palma da mão. Orgulho meu ainda foi embora de todo não. Deixa isso de lado, Nelminha, posso me levantar sozinho! Agora deu pra ver os olhos dela, sequinhos de tudo, sem lágrimas nem nada. Vamos que a Guiomar não pode esperar, anda logo! Ponte preta, cimento preto e cinza e azul e tinto de sangue e de tudo o que o diabo gosta, adiante o amarelo do dia de sol me doendo nos olhos de tanto estranhar. Cuidado, atravessa devagar! A vizinha assim meio sem jeito, de lado, falando baixinho: aleluia! aleluia, Cristo! Nelminha segurando minha mão e meu coração na mão dela. Sigo quase que puxado, como um cego, abobalhado, rabo do olho buscando a escuridão de lá de trás, não quero que os de lá fiquem debochando não. Castigo, meu velho, acabou, agradeça muito à dona Guionar aqui, ela me levou na igreja dela, compreendi muita coisa,

perdoei..., encontrei Cristo, mas pego mais filho nenhum, o doutor me disse ontem .Vai falando alto enquanto a gente anda, o sol me pegando de todo, me abraçando quente, mas eu com vontade de abraçar minha mulher, e as sombras do viaduto ficando lá bem pra trás. Acredita o senhor, doutor, ano passado expulsei meu marido de casa porque ele matou meu filho! Acredita o senhor? Dormiu bêbado em cima da menininha, nem uma semana de nascida, senhor acredita? Vomitando e amassando a inocente com aquela barriga de porco capado. O médico de cabeça baixa, cabelos começando a faltar no alto do cocoruto, falando nada, preocupado mais em preencher aquela ficha e olhando assim meio de lado seu relógio dourado. Hmmm,... sei, diz pra ele ter cuidado da próxima vez. Passe bem, dona... dona Nelma. O próximo, por favor! Boba sou eu, buscando meu marido de volta. Saudades dele eu não tinha nem mais um tiquinho, porque saudade mesmo, que machuca aqui dentro de doer até não sei onde, é a saudade do meu neném, a minha menininha, mas a gente que é mulher tem mais é que se conformar

mesmo. Dona Guiomar diz que na Bíblia a mulher nunca teve valor, mas que Deus sabe de tudo e quis assim mesmo, e que a gente não deve guardar ódio no coração, nem de marido que apronta, bate e faz da gente um capacho até. Nelminha, nem sei o que dizer, muito obrigado, obrigado mesmo, minha mulher. Vai logo tomar um banho, se esfrega bem pra tirar toda essa sujeira. Deixa comigo, querida, pode deixar que depois dou um pulinho lá no bar do Amadeu, compro umas cervejinhas pra gente, e...”

Sugiro ao leitor o seguinte:

I) Qualificação detalhada do narrador, dando-lhe o nome que escolher, com idade, tipo físico e traje;

II) O mesmo para Nelminha, Guiomar e demais personagens;

III) Descrição do ambiente sob o viaduto; e

IV) Idem para a casa do narrador e Nelminha.

Feito isso, que o leitor escreva dois argumentos.

O primeiro na forma linear, isto é, partindo dos dias felizes vividos entre o narrador e Nelminha até sua expulsão de casa, seguindo com o período debaixo do viaduto e concluindo com o retorno dele ao lar.

O segundo em *flash back*, iniciado quando Nelminha vem ao viaduto perdoar ao narrador e levá-lo de volta para casa.

Mas como o título do conto (O próximo) se baseia no que um médico fala após ouvir Nelminha se desabafar quanto ao que sucedeu com seu bebê, recomendo ainda que o leitor busque uma terceira fórmula, mesclando a narrativa de Nelminha com aqueles dias vividos pelo narrador sob o viaduto.

3. Passo em seguida a mais um tipo de exercício, desta vez partindo do argumento para o roteiro. Para tanto submeto ao leitor a íntegra de dois argumentos. O primeiro, de minha autoria, chama-se Expição. O segundo,

feito de outro modo, bem mais longo, tem o título de Um velho Chico, e seu autor é Cícero Soares de Araújo.

Expição Argumento

‘Descendo a serra de Teresópolis ao volante de seu automóvel, Emílio, bêbado, ocasiona o choque de seu veículo com um caminhão vitimando fatalmente a esposa Lucimar. Daí em diante ele passa a viver uma existência amargurada obcecado pelo desejo de obter o perdão pelo fato de ter sido o causador direto da morte da esposa, mas não um perdão espiritual vindo de uma entidade extraterrena, um deus em que ele não crê. Solitário e irritadiço, Emílio negligencia seu trabalho de editor de uma revista jurídica e busca refúgio para suas dores de consciência na boemia de Copacabana, quando vem a conhecer Lindanalva, stripper da boate Les Enfants, por quem se apaixona. A princípio Emílio ignora ser Lindanalva irmã de sua falecida esposa, mas aos poucos, graças a revelações

ocasionais da dançarina a respeito de seu passado, vai se solidificando na mente dele a constatação de que tem como amante sua ex-cunhada. Por seu turno Lindanalva, que na adolescência foi expulsa de casa pelo pai por motivo de ter perdido a virgindade, desde então nunca mais viu a irmã nem qualquer membro da família, daí porque ignorar até mesmo o casamento de Lucimar. Quando Cardoso, diretor-superintendente da revista onde trabalha Emílio, conclama-o para uma conversa reservada a respeito de sua queda de produção na empresa, ele encontra oportunidade para se desabafar explicando ao chefe os reais motivos de sua apatia e relaxamento no trabalho. Todos esses aspectos negativos, ele explica a Cardoso, prendem-se única e exclusivamente ao seu desejo reprimido de se abrir com Lindanalva e pedir-lhe perdão por ter provocado a morte da irmã dela. Tal perdão, vindo de uma pessoa ligada a Lucimar por laços de sangue e presumível amor, Emílio enfatiza, seria o único perdão capaz de reconfortá-lo. Cardoso ouve com atenção as razões de Emílio e até com uma dose de humor

crítico mostra-se espantado por ele ter caído de amores por Lindanalva, entendida nas entrelinhas como um misto de prostituta e bailarina de boate, detalhe que Emílio tem que entender como verdadeiro. Ao final do encontro Emílio promete trabalhar melhor a fim de recuperar o tempo perdido nas publicações de determinado setor da revista de sua responsabilidade, mas em sua vida privada ele se mantém fiel à rotina de procurar Lindanalva na boate, sofrendo com a ânsia reprimida de lhe confessar tudo sobre a morte de Lucimar e rogar-lhe o perdão. Até então Emílio ignora que Lindanalva está envolvida com um casal de traficantes de escravas brancas, Georges e Heloísa, que convenceram-na a firmar um contrato de trabalho em casas noturnas da Espanha, segundo eles sob condições financeiras excepcionais. Mas em um encontro com esse casal efetuado no dia em que Lindanalva comparece à Polícia Federal para requerer seu passaporte, o caráter prepotente e mesmo ameaçador de Georges a assusta e ela decide fugir do que antevê como uma armadilha. Certa noite a dona da boate,

Madame Catherine, que não ignora a ligação amorosa entre Lindanalva e Emílio, surpreende-o com a notícia de que a bailarina vai deixar de trabalhar porque teria "se metido num rolo" e precisa desaparecer. Ele aperta Lindanalva e ela lhe confessa estar sendo ameaçada por Georges, que lhe exige mais de três mil dólares como ressarcimento das despesas feitas com passagem, adiantamento de hotel e extração de passaporte. Ciente desses fatos Emílio enxerga neles uma oportunidade de, em protegendo Lindanalva e a livrando das ameaças de Georges, munir-se da coragem necessária para confessar-lhe tudo acerca da morte da irmã e pedir-lhe o que seria um perdão permutado pelo livramento das ameaças do traficante. Para tanto seu primeiro passo é convencer Lindanalva a deixar a quitinete de Copacabana e ir morar em seu apartamento, prometendo-lhe que resolverá o problema das ameaças de Georges mas sem dizer-lhe de que jeito. Antes de a mudança de moradia de Lindanalva ser concretizada ela surpreende Emílio no trabalho telefonando-lhe aflita para

dizer-lhe ter recebido um bilhete de Georges onde ele a ameaça de agressão ou até morte, caso não pague o que ele intitula de ressarcimento de despesas. Nesse bilhete Georges informa o número de um telefone de contato que Lindanalva transmite a Emílio. Tal notícia enfurece Emílio que, justamente poucos minutos antes, teve a grata surpresa de saber por um colega de trabalho haver ganhado um belo jogo de facas em uma rifa. Sem perder tempo, ele marca um encontro com Georges em local afastado do centro urbano, prometendo-lhe levar o dinheiro exigido para que Lindanalva fique definitivamente livre das ameaças. Georges, dentro do carro, ouve as instruções e explicações de Emílio concernentes ao modo como está vestido e o ponto exato onde deverão se encontrar, um posto de borracheiro abandonado. No momento em que George se distrai apanhando a sacola entregue por Emílio onde presumivelmente estaria o dinheiro, ele o esfaqueia matando-o. Cometido o crime, Emílio derrama os papéis picados contidos na sacola em um tonel de água, ficando evidenciado que ele não trouxe dinheiro

algun e que o truque da sacola foi usado apenas para distrair Georges. Retornando ao seu apartamento, ele desfaz os vestígios do crime lavando a faca e a camisa onde a levou envolta para o encontro, recolocando a arma do crime exatamente naquele estojo ganho na rifa. Lindanalva, que o aguardava na quitinete a fim de providenciarem sua mudança, chama-o pelo telefone fixo do apartamento e Emílio responde secamente e nervoso alegando ter ido resolver um problema. Enquanto ambos falam ao telefone soa a campainha da porta. Emílio pede a Lindanalva que aguarde na linha e vai abrir a porta, quando então se depara com a presença de dois policiais militares que veem buscá-lo a fim de que ele preste declarações à autoridade policial sobre o fato de seu celular ter sido encontrado junto ao corpo de um homem assassinado dentro de um carro. O choque dessa notícia desnorteia Emílio, que até não tinha se dado conta de haver perdido seu telefone dentro do automóvel de Georges, certamente no ato da agressão. Premido pelos policiais para que os acompanhe à delegacia, ele apenas lhes pede um minuto para concluir

sua conversa com Lindanalva. Declara então Emílio friamente a Lindanalva que o nome da ex-esposa dele e que ela jamais soube era Lucimar e que agora, sim, ele poderia lhe pedir perdão”

Um velho Chico

Argumento

Cícero Soares de Araújo

roteirodecinema.com.br

“2008 inicia-se e, a centenas de quilômetros uma da outra, Maiára e Deolinda retomam seus respectivos cotidianos. O de Maiára resume-se nos cuidados com a aparência, além de Cassandra provê-la com aulas particulares de etiqueta, línguas e conhecimentos gerais, com o intuito de “valorizar” a jovem para a exigente clientela de sua cafetinagem. Mas essa valorização, para um cliente em especial, já passa da conta: Américo Cavalcanti está cada vez mais desejoso por Maiára. A gota d'água para Cassandra ocorre durante uma grande festa, onde Maiára figura, entre jubilosa e

intimidada, como o centro das atenções. Lá, a jovem desfila aos olhos cobiçosos de outros velhos empresários e prostitutas de luxo, terminando nos braços de Américo, como se ela fosse o primeiro prêmio conquistado. Aproveitando-se do convite de Américo para uma viagem a Miami, Cassandra trata então de cortar as asas da pupila. Um dia antes de embarcar com o empresário em seu avião particular, ela trava uma séria discussão com Maiára, em que deixa bem claro porque lhe acolheu, seu verdadeiro “lugar” e suas obrigações, que devem ser rigorosamente cumpridas. Como esta, com dia e hora marcada: ficar à disposição de um “Coronel” no Recife. A bordo do avião de Américo, também seu homem de confiança, Malaquias. Como Américo está para fechar uma compra de terras às margens do Médio São Francisco, delega a Malaquias a função de averiguar as potencialidade do local para o plantio de cana-de-açúcar. O avião faz uma parada na capital de Mato Grosso, Malaquias desembarca e Américo e Cassandra seguem viagem. Cercanias da Fazenda Itamaraty. Ao som

lúgubre da melodia de “Assum Preto” tirada de um único pífarô, o amanhecer delineia as sombras de um conjunto habitacional de casas térreas. Deolinda mora numa delas. Com a colheita da soja a pleno vapor, ela tem trabalhado no turno da madrugada, chegando em casa somente agora, ao levante do sol. Acima dela, um rastro de avião em grande altitude rasga o céu límpido. Sob seus olhos, ao se aproximar do portão da casa, um pássaro preto morto. Dentro de casa, como sempre, lá está o marido Alcindo naquela estado lastimável, dormindo bêbado no chão. 9 É quando Deolinda pensa seriamente em não prosseguir num casamento sem sentido, que lhe chega uma carta de seu irmão Rinaldo. Nessa carta, o irmão pede que Deolinda venha com urgência a Cairu, onde os irmãos se reunirão pela última vez na pequena propriedade da família, já que ela fora desapropriada para fazer parte do canteiro das obras da transposição do rio São Francisco. Mas a razão principal de Rinaldo requisitar a presença da irmã é que Deolinda seria como um recurso extra para demover a mãe,

Rosária, de juntar-se aos protestos contra a transposição, indo morar com o Padre Mateus Bonassi, “o cabeça”, palavras de Rinaldo, “daquela gentinha de esquerda, laia de ecologistas vagabundos e arruaceiros”. E já que matriarca sempre repetia que antes de morrer seu maior desejo era rever a filha mais nova, talvez Deolinda, regressando a Cairu após duas décadas, conseguisse fazer a mãe abandonar essas maluquices. Preocupada com o relato do irmão, Deolinda aconselha-se com Malaquias. E a virada de Deolinda parece já ter sólidos alicerces: Malaquias propondo, Deolinda não hesita, e os dois partem para Cairu, que afinal não fica muito longe das terras que o patrão Américo tem interesse em adquirir. Aeroporto Internacional de Guarulhos em polvorosa. Nos balcões de check-in, filas intermináveis, ânimos a ponto de bala, overbook, diversos vôos cancelados. Alheia a tudo e a todos, Maiára remoendo o que Cassandra havia lhe aprontado. Pacientemente, atravessa esse martírio de aeroporto e consegue adentrar o saguão de embarque, também apinhado de gente. E lá

está ela, enfim dentro da aeronave que parte para Recife, colocando a bagagem de mão no compartimento acima do seu lugar. Na poltrona da janela, o Tenente Miguel. Maiára já havia reparado no oficial no saguão de embarque. Além do uniforme militar, distinguia-o uma tranqüilidade incomum em meio a todo aquele alvoroço. Maiára pensa nisso, em pé, enquanto arruma sua bagagem de mão, sem perceber que Miguel tem um olhar curioso sobre a jovem. Ficamos em dúvida se é devido ao generoso decote ou são os pingentes da carranca em miniatura e o santinho de São Francisco que lhe chamam a atenção. Durante o voo, Miguel dirime essa dúvida. Ele indaga a Maiára sobre os pingentes, e o que Maiára lhe confia toma de surpresa o oficial. Mas saber que Maiára nasceu em Cairu não é o bastante para fazê-lo revelar sua “missão” nesse vilarejo. 10 O voo faz escala em Maceió, e como termina aí a parte aérea do percurso de Miguel, ele se despedem. Só que, antes de decolar, o avião apresenta problemas técnicos, e os passageiros acabam retidos no aeroporto. Perdida nos espaços de linhas modernas do

aeroporto Zumbi dos Palmares, uma Maiára prestes a perder pose e compostura, um novo entrevero aeroportuário foi demais. E é quando lhe chega Miguel, que talvez já esperasse ou até premeditasse reencontrá-la, para lhe dizer a verdade. E para que ela atenda um desejo seu: vez que tem essas obrigações em Cairu como emissário do governo federal, Miguel pede a Maiára que lhe faça companhia. Coincidências à parte, ela aceita o convite. Não só pela aventura de subir de lancha o São Francisco e enfim conhecer Cairu. Principalmente porque o fascínio entre os dois é flagrante. Deolinda e Malaquias chegam no sítio de Rosária. O lugar, às margens de um braço da represa de Itaparica, está às moscas, embora estacionados ali alguns carros e um caminhão carregado de móveis. Deolinda adentra a casa, detém-se nas coisas que ainda não foram retiradas dali e sente intensamente o vazio, a nostalgia de uma vida que recusou viver naquela casa. Mas o lugar não se encontra vazio, no terreno atrás da casa a família Mendes Sá almoça reunida. Passado o constrangimento e as explicações, ou a falta delas, de tantos anos sem visita alguma,

Rinaldo dá a Deolinda os detalhes sobre o que anda acontecendo com Rosária. E ao contrário do que Rinaldo supôs, Deolinda toma partido da mãe, corrobora os próprios argumentos de Rosária contra o descaso dos filhos, que não fizeram absolutamente nada para impedir a desapropriação do sítio da família. No mínimo, deveriam ter feito o que Deolinda faz agora: um mea culpa. Assumindo a condição de filha pródiga, Deolinda revela-se pronta para reencontrar a mãe em Cairu, que também pode ser divisada dali, ao horizonte, em outras margens, opostas, da represa. Após percorrermos com Maiára e Miguel “seletos” e “modernizados” trechos do Velho Chico, Cairu é finalmente avistado. Diante a igreja do vilarejo, uma pequena multidão de curiosos, a maioria locais, e entre estes os manifestantes adversários da transposição. Miguel e Maiára atravessam essa multidão e entram numa casebre adjacente à igreja, com curiosos colados na porta e nas janelas abertas. A elegância do uniforme do oficial e a dos trajes de Maiára, sem contar sua beleza, aguçam a curiosidade dessa gente simples. No interior do casebre, um

Padre Mateus acamado, sua debilidade 11 com a greve de fome é visível. À cabeceira da cama, Rosária. O padre pede a Rosária que o deixe a sós com o tenente, Mateus não ignora qual seja a missão de Miguel em Cairu. Rosária fecha as janelas da frente da casa, para dar privacidade aos dois, e estanca diante de uma Maiára assombrada desde que ouviu o nome dessa velha senhora. Rosária, como se a conhecesse desde sempre, coloca ternamente suas mãos nas faces de uma Maiára, e elas saem dali. Após evocarem as boas lembranças de Miguelzão, estimado pai de tenente e grande amigo do padre, dá-se o confronto verbal entre ambos. Mateus não acreditando que a esquerda, agora no poder, pudesse aceitar o veio explorador, coronelista e reacionário da transposição. Ao que Miguel retruca, que houve ampla consulta à sociedade e que o projeto é progressista, pois modifica as relações produtivas e gera riqueza aos menos favorecidos, além de propor a revitalização do Velho Chico. E retrógrada é essa greve de fome, que cheira a messianismo. E com essas palavras pouco amigáveis vê-se que o impasse

é insuperável. O abatimento de Padre Mateus é além de físico, ele sabe que sua causa, política e moralmente, já deu o que tinha que dar. Não ignora a quem cabe a rubrica de vencedor e a quem a pecha de vencido. Longe dali, caminhando através de Cairu, Rosária conta que Deolinda está hospedada no sítio da família. O novo golpe de espanto sobre Maiára faz com que ela seja toda ouvidos, e Rosária sentencia: que entre elas há uma afinidade mágica tal que nenhuma distância, no tempo e no espaço, e nenhum rancor, por mais insolúvel que possa parecer, são capazes de anular, e tudo desanuvia ao se verem novamente, como se nem um dia sequer houvesse decorrido. E à beira do represa se dá a consagração desse reencontro: algo incomoda Maiára, um líquido avermelhado e viscoso escorrendo por entre as coxas, que ela recolhe com os dedos e agora, manchado neles, observa atentamente: Maiára menstrua pela primeira vez na vida. Dias depois, Maiára sucumbe definitivamente ao imaginário de Rosária. A avó como que lhe fantasia com um humilde vestido de algodão estampado, um lenço cobrindo-lhe os cabelos

em coque e chinelos de couro, uma típica nordestina. O fato é que a avó arruma Maiára dessa maneira para o reencontro da neta com Deolinda. E assim, envolta na luz de um céu enlutarado, Maiára cruza o braço da represa que margeia o sítio numa canoa rústica e delgada, para desembarcar onde sua mãe 12 ansiosamente lhe aguarda. Um reencontro sem palavras: como num segundo parto para Deolinda e um renascimento para Maiára, a troca de olhares serenos será o bastante para celebrar suas pazes. Passado um mês, a casa do sítio de Rosária é então demolida. Nas imediações, o canteiro de obras, onde o Exército faz os preparativos para o grosso das construções do Eixo Leste. Vem a noite, também de lua cheia, e dentro de um alojamento o Tenente Miguel ainda trabalha, sozinho, analisando mapas. Maiára entra de repente e avança sobre o oficial. E de novo as palavras aqui se afiguram inúteis: simplesmente eles se entregam a uma noite de amor, a que estavam em dívida. Foz do São Francisco, meses depois. Rosária numa praia deserta do povoado de Cabeço, lado sergipano

da foz, contemplando um farol imerso pelas águas do mar, que ano a ano avança engolindo esse povoado. Chegam-lhe os agora enamorados Deolinda e Malaquias. Os três falam do futuro, de esperança. E Rosária, que deixou Cairu pela primeira vez na vida exatamente para presenciar o ponto final do curso d'água do Velho Chico, já se empolga em conhecer novas geografias, uma montanhosa talvez, antes do término do curso de sua própria vida. E falam de Maiára. E temos Maiára num amplo quarto em estilo colonial, vestida com uma longa bata indiana cravada de adereços, bem ao contrário do requinte de antes. Maiára retira de uma caixa de jóias, a mesma caixa de quando morava com Cassandra, a correntinha com o pingente de carranca e o santinho, e a coloca no pescoço. Ela sai do quarto, percorre um longo corredor com várias portas e desce um lance de escada de madeira que dá num amplo hall e, logo à frente, uma portaria. Maiára conversa com o atendente atrás do balcão, e descobrimos que o casarão, todo em estilo colonial, é uma pousada, e ela, sua proprietária. Maiára deixa a pousada

num jipe e dirige por estradas de terra ladeadas somente por paisagens rurais. Ela estaciona ao lado de uma porteira aberta, para caminhar numa trilha de pedras que corta um imenso vale, cruzando com jovens mochileiros, um ou outro medindo-a de cima a baixo. A caminhada não é fácil, Maiára respira ofegante e tem no rosto um ar preocupado. E chega onde pretendia chegar: ao lado de uma estátua de São Francisco de Assis, o monumento erguido à época da criação do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, não muito longe do marco da nascente do Velho 13 Chico. E é então revelado o que nenhum enquadramento anterior pôde: que Maiára está em gravidez avançada. Uma inserção de um Tenente Miguel com o olhar vazio, talvez nostálgico, em algum gabinete da Esplanada dos Ministérios em Brasília. Uma única relação sexual foi o suficiente, e nunca mais se viram. Mas a menina narradora³, filha ainda por nascer de Maiára e Miguel, nos diz que a mãe prometera, que no momento certo ela conheceria o pai. E retorna à Maiára, sozinha, nenhum

visitante, nenhum turista no local. Ali mesmo, ao lado da estátua de São Francisco, a bolsa estoura, o líquido amniótico derrama-se do ventre da jovem grávida e molha o chão empedrado. No rosto de Maiára, misturados, alarme e risos de satisfação final”

Em Um velho Chico, seu autor foi muito mais abrangente na qualificação das personagens e na revelação de seus objetivos na trama. Não existe consenso no meio da criação cinematográfica quanto ao argumento preferível, se o mais conciso ou aquele que se alonga para dez, uma dúzia de páginas. Mas o necessário é que o argumento conte uma história no presente, na terceira pessoa, e que contenha os ingredientes necessários para mexer artisticamente com o *animus* das pessoas que lerão ou não o roteiro correspondente.

3. Como exercícios finais apresento três *story lines*. Para cada uma proponho que o leitor elabore um argumento com

pelo menos quatro páginas.

Ei-las:

1. Ester, delegada federal, se deixa sequestrar na Europa por traficantes de escravas brancas que mantêm Lia num prostíbulo. Para isso se infiltra naquele antro sem se prostituir e resgata Lia.
2. Dois ex-colegas de uma escola internata se reencontram quando um deles, acusado de tentativa de estupro, contrata o outro, advogado, a quem molestava na escola, sendo ao final absolvido.
3. Leo, taxista, encontra um recém nascido abandonado em seu carro. Procurando localizar a mãe do bebê ele se envolve em vários incidentes até encontrar casualmente a mãe da criança.

Três ideias para argumentos que envolveriam temas de gêneros distintos, considerando que a primeira oferece como campo de ação primordial o

gênero policial. A segunda, por seu tema psicológico ou comportamental, caberia mais com certeza no gênero dramático. A última é das três a única com um sentido ambíguo, eis que a situação daquele motorista de táxi poderá descambar tanto para o drama quanto para a comédia.

Mãos a obra, pois.. Estarei muito gratificado em receber o resultado de de tentativas nos exercícios sugeridos.

Palavras finais

Quem escreve um argumento para cinema deve ter em mente que está se propondo a escrever o roteiro oriundo desse argumento. Portanto, se acaso o autor do argumento carece antes de tudo de disposição e vontade de apreender os requisitos básicos para a feitura do roteiro — e aqui, sim, tornam-se necessárias as lições de Syd Field antes de mais nada — melhor que não o faça, exceto se pretende trabalhar

em equipe delegando a criação do roteiro a terceiros.

Além do amor à criação literária, quem pretender escrever argumentos para cinema deverá assistir a muitos filmes e ler roteiros artísticos, evitando os chamados roteiros técnicos, aqueles escritos por diretores ou produtores.

Creio haver alcançado o objetivo deste simples manual. Agradeço pela leitura.

hd1932@gmail.com

Julho de 2017